

FRANCISCO MARIA BORDALO E O SEBASTIANISMO QUESTIONADO NO ROMANCE HISTÓRICO *D. SEBASTIÃO, O DESEJADO*

Prof^a. Dr^a Luciene Marie Pavanelo
Universidade do Estado de São Paulo (UNESP – São José do Rio Preto)

RESUMO: Devido à crise instaurada em Portugal a partir das invasões francesas, o país assistiu a uma revivescência do sebastianismo durante o século XIX, pautada pela esperança do retorno de D. Sebastião. Nesse contexto, interessa-nos resgatar a leitura do romance histórico *D. Sebastião, o Desejado*, publicado por Francisco Maria Bordalo primeiramente entre 1844 e 1845 na *Revista Universal Lisbonense*, e posteriormente entre 1854 e 1855 em *O Panorama*, no qual encontramos uma versão da lenda do desaparecimento do rei depois de Alcáber-Quibir, sob uma perspectiva antissebastianista.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Maria Bordalo; sebastianismo; romance histórico; século XIX; literatura portuguesa.

ABSTRACT: Due to the crisis brought on Portugal from the French invasion, the country witnessed a revival of Sebastianism during the 19th century, marked by the hope of the return of D. Sebastião. In this context, we are interested in rescuing the reading of the historical novel *D. Sebastião, o Desejado*, published by Francisco Maria Bordalo firstly between 1844 and 1845 in *Revista Universal Lisbonense*, and later between 1854 and 1855 in *O Panorama*, in which we find a version of the legend about the king's disappearance after Alcáber-Quibir, under an anti-Sebastianist perspective.

KEYWORDS: Francisco Maria Bordalo; Sebastianism; historical novel; 19th century; Portuguese literature.

As invasões francesas em Portugal, marco do espírito de decadência que irá prevalecer durante todo o século XIX no país até o seu ápice, com o Ultimatum inglês, tiveram uma série de implicações não somente no campo político-econômico, mas sobretudo no plano sociocultural. Devido ao abandono a que o povo português se viu, submetido primeiramente às tropas napoleônicas e depois à intervenção britânica, Portugal assistiu a uma revivescência do sebastianismo, pautada pela antiga esperança de o velho “salvador da pátria” D. Sebastião – rei que desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578 – retornar numa manhã de nevoeiro para regenerar o país e retomar a soberania nacional. Como explica Helena Barbas,

O Sebastianismo apresenta-se como um problema de identidade, e baseia-se na esperança de que alguém de fora venha restabelecer a ordem, repor as regras, reinstaurar a Justiça no reino. Tratando-se ele próprio de um mito em que ao presente disfórico se opõem um passado e um futuro eufóricos, institui-se como crítica a esse presente e exime os viventes à responsabilidade pela negatividade desse tempo¹.

Durante esse momento de crise, as *Trovas do Bandarra*, escritas na primeira metade do século XVI, recebem duas edições, lançadas em 1809 e 1810. Logo depois, em 1815, 1822 – ano da Independência do Brasil, mais um trauma para Portugal – e 1823 são publicadas outras edições para as *Trovas*, totalizando cinco novas impressões², em uma década e meia, para as profecias do sapateiro de Trancoso que anunciavam a vinda de um rei Encoberto, herói que foi associado ao longo dos séculos à figura de D. Sebastião.

Na obra *O Encoberto*, publicada em 1904, Sampaio Bruno defende que a crença sebastianista oscilaria entre períodos de força e arrefecimento, de acordo com o momento histórico que o país estaria vivendo. Segundo o crítico,

É de presumir (e assim aconteceu) que sempre que as calamidades públicas excitavam os espíritos, este fenômeno de vesania coletiva³ se exacerbasse, difundindo-se. Manifestar-se-ia tal qual espécie de enfebrecimento que se tem observado nas cidades sitiadas; é o que os especialistas denominam por loucura obsidional. [...] Na nossa degenerescência sebastianista, sempre que os negócios públicos melhoram e a prosperidade econômica se acentua, a tineta sebastiânica esbate e os apodos sarcásticos rebentam contra a fidelidade lorpa dos últimos abencerrages do Encoberto. [...] Mas [...], quando a invasão francesa excita os terrores e move as vinganças, novamente o ardor primeiro se reacende e os jarretas vão para o Alto de Santa Catarina ver navios, esperançados em que entre enfim no rio a nau encantada a cujo bordo, emergindo do nevoeiro, vem o Lohengrin⁴ vingador da justiça agravada de um povo todo⁵.

Esse caráter oscilatório do sebastianismo pode ser posto em causa se pensarmos que no mesmo ano em que saiu a primeira edição oitocentista das

¹ BARBAS, 1993, p. 181-182.

² Essas e as demais edições que as *Trovas* receberam do século XVII ao XIX foram reunidas por Carlos Castro da Silva Carvalho em *Profecias do Bandarra: compilação dos textos das principais edições* (2010).

³ No parágrafo anterior, Sampaio Bruno já havia se referido ao sebastianismo como uma “aberrante maluquice” (BRUNO, 1904, p. 257).

⁴ Lohengrin é um herói do Ciclo Arturiano; Sampaio Bruno utiliza ironicamente o nome desse personagem para se referir a D. Sebastião, aproximando as duas lendas com o intuito de ridicularizar os sebastianistas.

⁵ BRUNO, 1904, p. 257-258.

Trovas do Bandarra, em 1809, foi publicado um opúsculo anônimo intitulado *Antissebastianismo ou Antídoto contra Vários Abusos*, anunciado na *Gazeta de Lisboa* de 28 de setembro de 1809 como uma obra na qual “se nega a vinda de El-Rei D. Sebastião, e contém as profecias em que se fundam os apaixonados desta vinda, analisadas e desmentidas”⁶. No prefácio deste opúsculo, o autor descreve a morte de D. Sebastião nas mãos dos reis mouros e afirma:

Eis aqui fiel, e verdadeiramente o trágico, e lastimoso fim de um Rei, sem dúvida digno de melhor ventura: veja-se agora sobre quantas quimeras estão fundadas as extravagantes esperanças da sua vinda a Portugal, excitadas em um sem número de despropósitos a que o vulgo ignorante dá o nome de Profecias: o que tem sido causa de muitas mortes, e inquietações, chegando a haver homens tão destituídos de razão, que se atreveram a fingir-se Rei D. Sebastião, dos quais, conhecida a impostura, foram, uns enforcados, e punidos outros de diferentes maneiras.

Para perpétuo desabuso de ânimos fracos, e crédulos [...], escrevi o presente Opúsculo; e para mais não grassar semelhante despropósito entre uma Nação tão sábia, e ilustrada, copiarei aqui os testemunhos, que alegam alguns fatos, aos quais indevidamente dão o nome de Profecias⁷.

Sendo assim, a nosso ver, o século XIX foi marcado pela contraposição entre a crença sebastianista – provocada pelo clima de decadência que assolava o país desde o começo do século – e a sua crítica, feita pelos mais diversos escritores ao longo do Oitocentos. Nesse contexto, interessa-nos resgatar a leitura de *D. Sebastião, o Desejado: lenda nacional*, publicado por Francisco Maria Bordalo primeiramente entre 1844 e 1845 na *Revista Universal Lisbonense*, e posteriormente entre 1854 e 1855 em *O Panorama*, com algumas modificações. Analisemos os seus contextos de produção.

No momento em que o romance é lançado pela primeira vez, Costa Cabral está no poder, e os miguelistas constituíam uma importante oposição ao autoritarismo vigente, ao alimentar o sonho messiânico da volta de D. Miguel do exílio, visto como uma espécie de D. Sebastião, pois representava o retorno às tradições e, portanto, ao mito da grandeza passada de Portugal. Nas peças *Frei Luís de Sousa*, encenada um ano antes da publicação da narrativa de

⁶ Podemos apontar como um outro exemplo de obra antissebastianista deste período *Os Sebastianistas, reflexões sobre esta ridícula seita*, de José Agostinho de Macedo, publicada em 1810. Sobre a polêmica envolvendo este escrito de Macedo, ver HERMANN, 2002, p. 108-133.

⁷ ANÔNIMO, 1809, p. 19.

Bordalo e lançada em livro no mesmo ano, em 1844, e *As Profecias do Bandarra*, publicada em 1845, Almeida Garrett se posiciona contra o miguelismo – visto como um retrocesso político-cultural –, ao criticar a crença sebastianista. Se *As Profecias do Bandarra* constituem uma comédia que ridiculariza essa temática⁸, *Frei Luís de Sousa* apresenta um olhar desesperançado sobre um povo, que, nas palavras de Eduardo Lourenço, “só já tem ser imaginário [...] – realidade indecisa, incerta do seu perfil e lugar na História, objeto de saudades impotentes”⁹.

Uma década depois, já durante o período da Regeneração, Francisco Maria Bordalo publica mais uma vez *D. Sebastião, o Desejado*, provavelmente como uma resposta ao lançamento da sexta edição das *Trovas do Bandarra*, em 1852, que indicava uma persistência do mito sebástico – voltado, portanto, ao passado – em meio a um período de suposto progresso material, que visava a tentar tirar Portugal do atraso em que se encontrava. Se as décadas de 1840 e 1850 tratam-se, obviamente, de dois contextos históricos distintos, o sebastianismo parece permanecer no Oitocentos português como uma continuidade do espectro da decadência que ronda todo o século XIX.

O romance de Bordalo se inicia com o foco em dois personagens que observam a chegada da comitiva de D. Sebastião. Um deles, o velho escudeiro Fagundes, critica o jovem pajem Aires Tinoco, por seu caráter fútil:

– De amores sabes tu contos, Aires Tinoco; não assim de pelejas por essas frontarias africanas e praças do oriente; que mais inclinado és a alindar os cabelos que a polir uma armadura. Nem essa tua espada embonecada era para encontrar uma cimitarra mourisca; aonde iria ela parar! [...] Ó Portugal! Portugal! Onde estão esses mancebos esperançosos do tempo do senhor D. Manuel, que passavam do berço ao campo das pelejas, para quem os combates eram um brinco de infância! [...] Que te importa isso, se as mais belas donas da corte admiram a elegância do seu gibão, e morrem pelo ar senhoril do lindo pajem!

E o velho corava de raiva e de vergonha, porque o futuro da sua pátria tão querida se lhe antolhava, naquele mancebo da nova geração, como um emblema de opróbrio¹⁰.

⁸ Sobre *As Profecias do Bandarra*, de Almeida Garrett, ver BARBAS, 1993, p. 177-223.

⁹ LOURENÇO, 1992, p. 85, grifo do autor. Sobre a questão sebastianista em *Frei Luís de Sousa*, ver LOURENÇO, 1992, p. 79-118, e OLIVEIRA, 1999, p. 173-186.

¹⁰ BORDALO, 1854, p. 381

Relevando a questão de se Aires Tinoco seria um personagem histórico ou fictício, importa-nos aqui perceber que esse personagem representa na obra o presente do país, não somente do Portugal da época de D. Sebastião, como também do Portugal oitocentista, uma nação fraca e decadente, que se vê sempre numa situação inferior à do seu passado. No final do romance, Aires Tinoco aparece novamente para trair o rei ao se aliar aos castelhanos: “Os conselhos do velho Fagundes não tinham achado eco no coração do belo pajem: tornado escudeiro seguira as partes de Castela. Do covarde brotara o traidor. Sempre assim acontece”¹¹. Nas mãos dos Aires Tinocos, Portugal jamais recuperaria o seu esplendor.

Após esse início em que Bordalo apresenta, através da conversa entre o pajem e o escudeiro, uma relação entre o período retratado no século XVI e o momento atual, o foco é deslocado para D. Sebastião. O rei faz uma visita a Camões antes de embarcar para Alcácer-Quibir, e o poeta lhe lê um trecho de sua *Égloga 8ª*, “De Umbrano e Frondélio, pastores”, que foi dedicada “à morte de D. António de Noronha, que morreu em África, e à morte de D. João, Príncipe de Portugal, pai Del-Rei D. Sebastião”¹²:

E se atentares bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio também a esses enganos
Que te está figurando a ousadia;
Tu não vês como os lobos tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães, do gado guardadores,
E não somente os cães, mas os pastores?¹³

Apesar de o rei tê-la interpretado como uma profecia, ele não desiste da viagem, o que faz Camões perguntar a Diogo Bernardes quem lhe teria arraigado “pois na alma esse projeto de destruição”¹⁴. Com isso, Bernardes enumera, entre outros motivos,

o teu poema dos *Lusíadas*, que fortificou suas ideias sobre a preferência das praças d’África, que estendem os limites de Portugal sem quebrar a sua unidade, às colônias da Índia que tem o oceano

¹¹ BORDALO, 1854, p. 416.

¹² Cf. CAMÕES, 1963, p. 431.

¹³ BORDALO, 1854, p. 382-383.

¹⁴ BORDALO, 1854, p. 388.

de permeio, inimigo giganteu e implacável, que torna impossível a ligação de dous impérios das extremidades do mundo¹⁵.

Apesar de o personagem Camões relembrar o episódio do Velho do Restelo – “Bem me lembro desses versos, que pus na boca de um honrado velho, ao partir a armada para o descobrimento da Índia”¹⁶ –, como um alerta que ele teria feito à “glória de mandar” e à “vã cobiça desta vaidade, a quem chamamos Fama”¹⁷, Bordalo chama a atenção, a partir da voz de Bernardes, de que *Os Lusíadas* de fato convocam D. Sebastião à conquista do norte da África. Como vemos nas palavras do próprio Velho do Restelo,

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riquezas mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.¹⁸

A partir daí, o romance trata rapidamente dos antecedentes da viagem e narra de forma breve a batalha, para poder focar naquilo que de fato parece interessar a Bordalo: o destino de D. Sebastião pós-Alcácer-Quibir. O romancista se utiliza da lenda de que D. Sebastião teria se refugiado em Veneza, onde teria sido capturado pelos castelhanos, que o teriam julgado como um impostor – Marco Túlio Catizzone –, tendo sido condenado às galés e depois enforcado¹⁹. Apesar de reiterar o tempo todo o caráter duvidoso de sua identidade – “verdadeiro ou falso D. Sebastião”, “impostor ou rei” –, Bordalo, ao mostrar o prisioneiro de forma positiva, digno de piedade, comparado a Jesus

¹⁵ BORDALO, 1854, p. 388-389.

¹⁶ BORDALO, 1854, p. 389.

¹⁷ Cf. CAMÕES, 1963, p. 112.

¹⁸ CAMÕES, 1963, p. 113.

¹⁹ Cf. BESSELAAR, 1987, p. 81.

Cristo, acaba por aceitar a tese – defendida por D. João de Castro em *Discurso da vida de El-Rei Dom Sebastião*, publicado em 1602 – de que Catizzone de fato seria D. Sebastião:

- Justiça que manda fazer el-rei de Castela neste homem, condenado às galés por toda a vida, por se ter intitulado D. Sebastião, rei de Portugal.
 - Sim, eu o sou, respondia uma voz fraca, cada vez que soltavam o pregão.
 - Como o rei de Penamacor, dizia um do povo, por escárnio.
 - Como o rei da Ericeira, clamava outro, rindo.
 - Parece-me muita constância para um impostor! disse em voz baixa um homem sisudo, dirigindo-se a um seu amigo.
 - Também a mim, respondeu o outro. Que pode ele esperar da sua pertinácia?
 - Aqui há grande mistério! retorquiu o primeiro: os espanhóis temem-se dele, e por alguma coisa é.
 - Sem dúvida: aliás tê-lo-iam conduzido a Lisboa, que era a única maneira de desenganar os crédulos.
- Os discursos destes homens pareciam razoáveis (pena é que a história nos não conservasse os seus nomes), porém a população, que nada mais ambiciona do que espetáculos, que vê com a mesma satisfação rolar sobre o cadafalso a cabeça de um mártir ou a de um tirano, assistia alegremente a este hediondo festim, arremessava pedras ao desgraçado, gritava-lhe aos ouvidos, por zombaria: “Viva el-rei de Portugal!” Como o Redentor do mundo, subindo ao Gólgota, entre os brados de “Salve, rei dos judeus”, soltados por uma população estúpida e má, este novo mártir (impostor ou rei?) foi levado até ao cais, e embarcado em uma galé real, para, amarrado a um banco de remador, servir nos mares da Sicília²⁰.

Entretanto, apesar de retomar a tese de D. João de Castro, de que o prisioneiro italiano era D. Sebastião, e não um impostor, Bordalo discorda do fidalgo setecentista – e dos demais sebastianistas – de que o rei não teria morrido nessa ocasião. Para Castro, “o verdadeiro executado não seria D. Sebastião, que de maneira misteriosa se sumira, mas o impostor Marco Túlio Catizzone”²¹ – é interessante notarmos que, segundo esta crença, quem teria sido preso seria D. Sebastião, mas o executado teria sido Catizzone. De acordo com o ideal desses sebastianistas, “o Encoberto vivia ainda, tendo-se refugiado na Índia Oriental, onde não tardaria a manifestar-se aos seus Portugueses, ou então, detinha-se em qualquer lugar remoto, que o autor não podia (ou não queria) dizer”²².

²⁰ BORDALO, 1855, p. 4.

²¹ BESSELAAR, 1987, p. 81.

²² BESSELAAR, 1987, p. 81.

Apesar de retratar D. Sebastião de forma positiva, ao se compadecer com o seu sofrimento, Bordalo não adota uma postura sebastianista, ridicularizando assim, com seus três pontos de exclamação, os “muitos entusiastas do defunto rei, que ainda o creem vivo... teria hoje 300 anos completos de idade!!!”²³. Como o autor ironiza, “não podemos crer que as virtudes de D. Sebastião merecessem ao Altíssimo um milagre tão especial, que o guardasse por três séculos, contra a lei comum da humanidade, para vir um dia assolar o mundo com a formação de um novo império”²⁴. Ao concluir que, “por conseguinte, antes de soar a trombeta final para a grande assembleia do vale de Josafá, parece-nos irrisória a pretensão de encontrar O DESEJADO”²⁵, Bordalo defende a necessidade de Portugal virar a página da História e encontrar um outro caminho, que talvez aponte para o futuro, em vez de ficar preso no passado.

Com isso, o escritor deixa claro o seu intuito de escrever uma obra que “se trata tão somente de investigar se a morte de D. Sebastião teve lugar em 4 de agosto de 1578, e não de discutir se ainda estará vivo em 1853”²⁶, assumindo assim a sua posição antissebastianista. Aproveita-se, dessa forma, de um assunto profícuo para a literatura, como Garrett indica nas notas de *Frei Luís de Sousa*:

O sebastianista é outro caráter popular que ainda não foi tratado e que, em hábeis mãos, deve dar riquíssimos quadros de costumes nacionais. O romancista e o poeta, o filólogo e o filósofo acharão muito que lavrar neste fertilíssimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas²⁷.

Por outro lado, se ajuda a construir o romance histórico em Portugal – lembrando que *O Arco de Sant’Ana*, de Almeida Garrett, e *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, são do mesmo ano da primeira publicação de *D. Sebastião, o Desejado* –, Bordalo também mostra, ao encerrar a narrativa, um olhar crítico perante os lugares-comuns do romance gótico, presentes em grande parte dos romances históricos em voga na época:

²³ BORDALO, 1855, p. 11.

²⁴ BORDALO, 1855, p. 11.

²⁵ BORDALO, 1855, p. 11, grifo do autor.

²⁶ BORDALO, 1855, p. 12.

²⁷ GARRETT, s/d, p. 140-141.

Para acabar romanticamente esta lenda, deveríamos acrescentar que, ainda hoje, nos arredores da fortaleza *tal* em a Nova Castela, se vê à meia-noite uma sombra, e se ouvem plangentes gemidos; que os aldeões das vizinhanças dizem ser o espectro de um rei, que anda penando pelos males que acarretou sobre a sua pátria; e mil outras coisas muito aterradoras e misteriosas: porém nós preferimos contar sucintamente o que nos consta sobre o assunto, sem faltar à verdade, que é a beleza das belezas²⁸.

Ademais, ao negar a descrição de um passado glorioso – como vimos anteriormente, o Portugal da virada do século XVI para o XVII é também decadente –, o autor distancia-se do ufanismo comumente esperado num romance histórico típico, como Herculano havia defendido nas páginas iniciais de *O Bobo*: “no meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado” – época em que “temos os tesouros dos nossos afetos e contentamentos” – “é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio”²⁹. Para Francisco Maria Bordalo, a recordação do passado é útil somente como assunto de romances: se o destino de D. Sebastião rende matéria interessante, não deve ir além disso – o passado é fascinante, mas não configura uma saída para Portugal.

Referências

- ANÔNIMO. *Anti-Sebastianismo ou Antídoto contra Vários Abusos*. Lisboa: Impressão Régia, 1809.
- BANDARRA, Gonçalo Anes. *Profecias do Bandarra: compilação dos textos das principais edições*. Porto: Ecopy, 2010.
- BARBAS, Helena. “Sebastianismo e mito imperial em Almeida Garrett”. In: CENTENO, Yvette Kace (Coord.). *Portugal: mitos revisitados*. Lisboa: Salamandra, 1993, p. 177-223.
- BESSELAAR, José Van Den. *O Sebastianismo: história sumária*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1987.
- BORDALO, Francisco Maria. “D. Sebastião, o Desejado: lenda nacional”. *O Panorama: jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa, n. 48-52, 1854; n. 1-2, 1855.
- BRUNO, Sampaio. *O Encoberto*. Porto: Livraria Moreira, 1904.
- CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1963.

²⁸ BORDALO, 1855, p. 10, grifo do autor.

²⁹ HERCULANO, 1967, p. 17.

GARRETT, Almeida. *Frei Luís de Sousa. Um Auto de Gil-Vicente*. Lisboa: Livraria Lello & Irmão, s/d.

GAZETA DE LISBOA, Lisboa, n. 102, 28 de set. 1809.

HERCULANO, Alexandre. *O Bobo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

HERMANN, Jacqueline. "Dom Sebastião contra Napoleão: a *guerra sebástica* contra as tropas francesas". *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 108-133, dez. 2002.

LOURENÇO, Eduardo. "Da literatura como interpretação de Portugal". In: _____. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 79-118.

OLIVEIRA, Paulo Motta. "Camões e Garrett: navegações do Restelo a Cascais". *Scripta*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 173-186, 2. sem. 1999.

Luciene Marie Pavanelo é Professora Assistente Doutora em RDIDP da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), na área de Literatura Portuguesa do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto. É Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Literatura Portuguesa pela USP; Bacharel em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e Licenciada em Letras pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente realiza pesquisa sobre os subgêneros do romance português oitocentista, mais precisamente as narrativas histórica, fantástica e de viagem, orientando alunos de iniciação científica sobre essa temática. E-mail: lucienemp@yahoo.com.br